

Maurício Gomyde

A Máquina  
de Contar  
Histórias



a m t g r s e z  
h



(...)

– Lê pra mim a última página do seu livro? Só falta ela. Guardei pra ouvir de você...

Ela fechou os olhos, ele desligou a TV e então recitou, sussurradas, as palavras que já sabia de cor:

A primeira letra... O ponto final... No meio, os caracteres e espaços em branco que, por mágica, amarraram as duas pontas. A escolha das palavras, a pontuação e a sequência das ideias em cada página. Decisões. Amor recontado entre as aberturas e fechamentos de capítulos, por quem cedeu à tentação de se entregar. Infinitas possibilidades de entendimento, inúmeras histórias em uma só. Aquele foi o caminho trilhado, mas o que viria a seguir? Pouco importava, estradas sempre mudam. Os três só tinham uma certeza: aquela havia sido a jornada mais perfeita que jamais poderiam ter vivido...

a m t g r s e h z



Após vinte minutos de absoluto silêncio, respiração coletiva suspensa pela beleza do que os convidados tinham acabado de ouvir, as luzes do enorme salão azul do Centro de Convenções de Belo Horizonte foram acesas e a ovação foi memorável, quase quarenta segundos de aplausos. De cima do palco, o escritor *best-seller* Vinícius Becker mirava os rostos e devolvia cada sorriso, agradecendo com a mão direita sobre o peito e o braço esquerdo levantado com o microfone sem fio.

O coquetel de lançamento e leitura pública de trechos do romance mais aguardado do ano, e maior aposta da Editora X<sup>2</sup>, para quarenta jornalistas e blogueiros selecionados a dedo, seguia um sucesso. Como previra Salvatore Garcia, agente e único amigo do escritor, e a julgar pelos sorrisos e comentários das pessoas que estavam na fila para as entrevistas de praxe, a história de amor contada nas pouco mais de 300 páginas seguiria a trilha bem-sucedida dos outros nove livros do autor.

*Como você consegue colocar tanta paixão nos seus livros?; A impressão, quando descreve cada cena, é a de que você já esteve lá. Quanto há de real nas suas histórias?; Você se inspira nos amigos e familiares para criar as personagens?* As perguntas dos jornalistas nunca mudavam.

*A paixão tem que fazer parte da vida do escritor, para que as palavras venham carregadas da credibilidade que o leitor merece; Eu não conseguiria escrever*



*com amor sobre aquilo que não conheço; A inspiração para as personagens vem de coisas que eu leio, vejo e vivencio. Meus amigos, familiares e minhas filhas sempre estão nas histórias. As respostas também nunca mudavam.*

Um ritual ensaiado à exaustão para algo em que, no íntimo, Vinícius sempre acreditou: escrever era um exercício, e, uma vez aplicadas as técnicas, não tinha como dar errado.

m t g s e h



Quando o táxi estacionou em frente ao cinco-estrelas, o sol ameaçando nascer, Vinícius e Salvatore ainda traziam as taças com espumante nas mãos. Desceram e caminharam abraçados em direção ao saguão.

– Eu falei! Sal *Paradise* nunca erra – Salvatore gritou e bateu no ombro de Vinícius. Derrubou uns bons goles do espumante na blusa do amigo.

– Sal *Paradise*? – Vinícius franziu a testa, enquanto tentava limpar a blusa com a mão.

– Eu mesmo. Me agradeça por colocar o seu pé na estrada rumo ao paraíso, meu camarada. Não tenha dúvidas, vamos bater o nosso recorde. Já posso imaginar minha conta bancária engordando.

Pararam em frente ao elevador. Vinícius apertou o botão e retrucou:

– Não seria o contrário? EU levar você ao paraíso? Ah, desculpa. Foi você quem ralou oito meses para escrever a história, né?

– Alto lá! Quantas e quantas histórias excelentes morreram guardadas em gavetas perdidas no tempo e esquecidas no espaço, pela simples ausência de um gênio tarimbado para negociá-las?

– Tá bom, gênio! Proponho alterarmos a capa do livro e colocarmos no alto e em letras garrafais: “Salvatore Garcia”. Vamos ver quantas cópias você vende.



– Não seria má ideia, mas vamos manter como está. O time está ganhando e não é prudente mexer. Cada um na sua função. Mas eu adoraria ter todas as mulheres que ficam rastejando no seu pé.

– Mulheres rastejando no meu pé? Quem disse? – Vinícius levantou uma sobrancelha.

– Meu detector.

– Detector de quê?

A porta do elevador se abriu e os dois entraram.

– De mulheres que rastejam, cara! – Salvatore levantou as duas mãos, derrubando o resto do espumante no chão. – A Paola, aquela deusa da *Folha de Minas*. O jeito que ela fazia as perguntas, com aquele olhar fofinho de guaxinim, dava pra matar um desavisado. O corpo dizia tudo: o decote insinuante, o ombro proeminente em direção ao ídolo, a língua circulando pelos lábios carnudos, a voz sensual perguntando coisas que, obviamente, ela não tinha o menor interesse em saber...

– Olhar fofinho de guaxinim... Deus do céu! Preciso admitir: você daria, sim, um ótimo ficcionista. E chega de conversa fiada. Que horas sai o avião?

– Duas e dez da tarde. Acordo você a tempo.

– Perfeito! Para isso você é muito bem pago. – Vinícius deu risada e o abraçou.

O elevador parou no andar, cada um foi para o seu quarto. Ao fechar a porta, Vinícius retirou do fundo da mala o velho livro descascado, grosso e de capa marrom, que saía de sua casa uma vez por ano apenas para acompanhá-lo no lançamento oficial de cada novo livro.

– Obrigado. Obrigado pela sorte, meu amigo. – Beijou a capa e devolveu o livro à mala.

E mal teve tempo de tirar os sapatos antes de cair na cama.





Como se tivesse transcorrido não mais do que a eternidade de um piscar de olhos, Vinícius ainda na mesma posição do desabamento sobre o colchão, o telefone do quarto gritou alto.

– Acorda, meu velho. Vai tomar banho e lavar essa cara podre de escritor, porque daqui a pouco a caravana literária sai.

– Caravana? – A voz saiu rouca e a língua, enrolada. – Que horas são?

– Onze. Já perdemos o café e eu quero almoçar no aeroporto antes do voo.

Vinícius se revirou, cobriu o rosto com o travesseiro, pousou o telefone sobre a cama e não respondeu.

– Ei! Acorda! – O grito de Salvatore veio acompanhado de socos desferidos na parede que separava os dois quartos.

– Me dá meia hora – Vinícius gritou de volta. E bateu o fone no gancho.

Procurou o celular dentro da mala e notou que estava descarregado. Plugou na tomada e foi tomar banho. Deixou a barba por fazer, mesmo estando em pleno meio de semana. O sucesso da noite anterior permitia transgressões daquele tipo ou ainda maiores.

Cada “projeto”, a denominação dele para um livro, tinha seu ciclo, seu tempo de maturação. Da primeira ideia até os eventos de lançamento, os procedimentos seguiam um roteiro muito bem traçado, como a receita de um bolo que sempre chega ao saboroso produto final. O planejamento e a execução das fases, as planilhas com as características das personagens, os livros de técnicas de escrita criativa consultados a todo instante, como bíblias específicas para cada nuance das tramas. Uma “máquina de contar histórias” – era como Salvatore o chamava. Frio, certo, veloz. Emoções transcritas no papel de forma científica, como se amor, ódio, pena e saudade fossem tópicos de um fichário que ele abria, selecionava e inseria com precisão nas entranhas do texto. Competente, muito competente em seu propósito de encantar. Um projeto terminava, outro deveria necessariamente começar a ser esboçado. Para não deixar o trem passar, para não perder a mão e o interesse do mercado, para atender aos anseios dos fãs que viviam cobrando novidades. Nova saga, novas personagens, novos sentimentos traduzidos em letras, palavras, parágrafos e capítulos. A pesquisa das novas frases prontas,



inseridas num arquivo, salvas numa nuvem de dados e às quais ele recorria nos momentos de branco da mente. Tudo milimetricamente estudado.

Mas Vinícius pensaria nesse novo projeto quando voltasse para casa, em São Paulo. Com a água quente escorrendo pelas costas, fechou os olhos e se entregou à boa sensação de mais um dever cumprido.

Ao sair do banho, ligou a TV e o celular. Passou a se enxugar, observando o âncora dar as últimas notícias da manhã. De repente, o telefone começou a vibrar sobre a cômoda, emitindo um som rouco. Uma, duas, três vezes. Ele esperou a lista de chamadas não atendidas terminar de ser carregada. Dezenove. Todas vindas do celular de Valentina, a filha mais velha. Chamadas que atravessaram a noite, a madrugada e a manhã, e estacionaram em seu telefone à espera de atenção. As mãos tremeram e o coração disparou, como se antecipassem a notícia que havia quatro anos ele esperava não receber. Imediatamente ligou de volta. Quem atendeu foi dona Lourdes, a velha governanta da casa.

– Alô? Lourdes? Eu... O quê?

A notícia veio dilacerando o peito de Vinícius do jeito que ele jamais poderia ter descrito em uma de suas tantas histórias. Sentou-se na cama, uma tontura o invadiu. Colocou a mão na testa e só conseguiu balbuciar:

– Chama a Valentina, por favor.

Mas, a exemplo do que acontecia havia algum tempo, a menina não quis ouvir a voz do pai.

– Pelo amor de Deus, Lourdes! Eu preciso muito falar com ela.

As lágrimas passaram a correr durante a nova negativa da filha, que ele escutou como um grito ao fundo da ligação. Desligou o telefone, o corpo foi para trás, o choro veio incontrolável, o peito pulando na cama de molas e as duas mãos tapando o rosto, como se fizessem as vezes de proteção para a dor incrível que o atravessava de fora a fora. Dor para a qual ele acreditava estar preparado, mas que, agora, o rasgava em dois, em três, em mil pedaços. E demonstrava, na prática, que, por mais criativo e hábil ele fosse como escritor, milhares de folhas de papel jamais registrariam com precisão uma sombra do que o bombardeava ali. O dia chegaria, mais hora, menos hora, Vinícius



bem sabia. Mas ele não poderia estar longe quando tudo acontecesse. Ele não queria se sentir, como naquele momento, o pior dos homens da Terra.

Pegou o telefone do hotel e digitou o número do quarto de Salvatore.

– Fala, meu escritor favorito! Já está pronto? – O amigo atendeu animado.

– Me tira daqui, vamos embora. Eu preciso ir agora. Tenta antecipar o voo, Sal. Faz isso por mim, por favor!

– Por quê?

– Porque... Aconteceu.

a m t g r s e z  
h



O avião pousou no aeroporto de Congonhas às quatro horas da tarde. Salvatore foi para a esteira pegar as malas. Vinícius correu para o desembarque, pagou o trajeto do táxi no balcão da empresa e voou para a linha onde os carros se enfileiravam. A enorme quantidade de passageiros e malas indicava que a espera ainda seria longa. Ele nem cogitou entrar no fim da fila. Foi até o início e cutucou a senhora de bengala que se preparava para embarcar. Gritou:

– Pelo amor de Deus, minha amiga. Eu preciso muito deste táxi.

Antes de a velhinha pensar em reclamar, e ao som de xingamentos de boa parte da fila, ele já estava sentado no banco do carona. Bateu a porta com violência, colocou o bilhete com o destino nas mãos do motorista e disse:

– Voa, porque eu preciso chegar em meia hora, no máximo.

O motorista mirou o papel, conferiu o local, engatou a marcha, acelerou e retrucou:

– Nessa hora e nesse trânsito, sei não, doutor. São Paulo anda um caos e...

Vinícius não esperou o rapaz concluir. Jogou uma nota de cinquenta em seu colo.

– Em no máximo meia hora.

O rapaz arregalou os olhos.

– Deixa comigo.

A cada parada em um dos inúmeros semáforos, a cada freada ou acelerada para ultrapassar os veículos que seguravam o trânsito, o coração de Vinícius batia



mais rápido, em meio às lágrimas que molhavam seus olhos e as costas de suas mãos. O sentimento de perda de parte fundamental de sua vida chegava ainda mais devastador do que as cenas mais dramáticas descritas em suas histórias. Cenas plantadas com a intenção deliberada de fazer os leitores chorarem. Que ele havia rascunhado na frieza de seu escritório, esfregando as mãos e feliz por obter o que chamava de “parágrafo perfeito”. *O segredo do sucesso é fazer o leitor rir um pouco e chorar muito*, era o mantra digitado em fonte de tamanho garrafal na área de trabalho da tela de seu computador. Mas ele nunca se imaginara como personagem de uma cena real, o choro dentro de um táxi em meio à busca frenética pelo “trajeto perfeito”. Se aquilo fosse uma de suas tramas, ele conseguiria fazer os ponteiros dos relógios andarem mais lentos ou mais rápidos. Como criador, ele teria nas mãos o poder de ligar ou desligar os semáforos. Poderia fazer o carro voar, um helicóptero aparecer do nada e ele próprio, personagem-autor, pilotá-lo sem nunca ter feito aquilo antes. Ressuscitaria as pessoas, brincaria de ser Deus. Ali, vida real, era impossível subverter a lógica precisa dos fatos.

Quando, enfim, o táxi deixou Vinícius em frente ao cemitério do Morumbi, ele entrou correndo pelo saguão e foi direto ao corredor das salas para velórios. Apenas as duas primeiras tinham algum movimento. Ele olhou de longe e não reconheceu ninguém. Voltou até a administração e entrou gritando para o rapaz sentado atrás do balcão:

– Onde está sendo o enterro de Viviana Coltelli?

O rapaz consultou uma ficha e respondeu:

– Na Ala Norte, Quadra 2, Rua 67.

– É longe? Dá pra ir andando? Como eu chego lá? – Vinícius atropelou as palavras.

– Ih, é uma boa caminhada.

– Me arranja um carrinho, por favor. Rápido! – Ele colocou uma nota de cinquenta sobre o balcão.

O rapaz esfregou as mãos, guardou o dinheiro no bolso e disse:

– Corre, vem comigo.

O carrinho elétrico não passava dos 20 ou 30 por hora, velocidade muitas vezes menor que a dos batimentos do coração de Vinícius.



Então os dois avistaram o local, no alto de uma pequena colina. Duas tendas verdes sobre as cabeças de uma centena de pessoas de preto. O carrinho se aproximou e, pouco antes de parar, o rapaz perguntou:

– O senhor era amigo da falecida?

Ele passou a mão na boca, piscou várias vezes os olhos marejados e balbuciou:

– Era minha esposa.